Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.20853
Literatura
Data de publicação: 27 de setembro

NÓS

MAYANA ROCHA SOARES

Doutora em Literatura e Cultura. Professora Adjunta na Universidade Federal do Oeste da Bahia. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-8326-3855. mayana.soares@ufob.edu.br

RESUMO

Este trabalho nasceu mobilizado pelos afetos produzidos na escrita da tese "Nós: afetos e literatura", de minha autoria. Nesta pesquisa, mobilizamos os afetos do medo, da raiva, do amor, do dengo e do erótico, a partir da produção literária brasileira contemporânea negra sapatão e aprendemos com a sua ginga literária, seus usos e efeitos. Nesse sentido, produzi este ensaio/experimentação literária que encerra essa escrita. Nele, foi possível ~~pensar~~ sentir um "nós" em densidade amalgamada de vivências coletivas negras sapatão, que saem do texto literário afrodiaspóricos e seus resíduos vulcânicos de revide e para (re)existir na vida. Este texto foi fortemente inspirado nos trabalhos artísticos da artista multiperformance e intelectual Jota Mombaça (2018), *Veio o tempo em que por todos os lados as luzes desta época foram acendidas*; no conto *A gente combinamos de não morrer*, da escritora e intelectual Conceição Evaristo (2015) e no curta *A mulher sem cabeça*, da artista corporal e intelectual Sanara Rocha (2020).

Palavras-chaves: Literatura Afrodiaspórica, Experimento Literário, Afetos, Crítica Literária Negra Sapatão.

RESUMEN

Este trabajo nació de los afectos producidos durante la escritura de la tesis (EXTRACTO ELIMINADO PARA CUMPLIR CON LA REVISIÓN DOBLE CIEGA). En esta investigación, movilizamos las afecciones del miedo, ira, amor, *dengo* y erotismo, basadas en la producción literaria contemporánea de negras *sapatão* brasileñas, y aprendimos con su movimiento literário, sus usos y efectos. En este sentido, produje este ensayo/experimento literario que concluye este escrito. En él, fue posible ~~pensar~~ sentir un "nosotras" en una densidad amalgamada de experiencias colectivas negra *sapatão*, que emergen del texto literario afrodiaspórico y sus residuos volcánicos de represalia y para (re)existir en la vida. Este texto fue fuertemente inspirado por las obras artísticas de la artista multi-performance e intelectual Jota Mombaça (2018), *Veio o tempo em que por todos os lados as luzes desta época foram acendidas*; en el cuento *A gente combinamos de não morrer*, de la escritora e intelectual Conceição Evaristo (2015) y en el cortometraje *A mulher sem cabeça*, de la artista corporal e intelectual Sanara Rocha (2020).

Palabras-clave: Literatura afrodiaspórica, Experimento literario, Afecto, Crítica literaria negra *sapatão*.

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.20853
Literatura
Data de publicação: 27 de setembro



Imagem: Aquarela de Ani Ganzala. Disponível no Acervo do Instituto Ibirapitanga, 2025[1].

Nós[2]:

- Pronominal pessoal;
- Pronome da primeira pessoa do plural (port.);
- Sujeito coletivo; um "ser" coletividade em primeira pessoa;
- Implica um "eu" e demais gentes;
- Substantivo plural de "nó"; ponto de conexão;
- Amarração, entrelace, comunicação, ligação;
- É possível uma "nós" fora da separabilidade kantiana?

1 Disponível em: https://ibirapitanga.org.br/artistas/ani-ganzala-lorde/ . Acesso: 26 jun. 2026.
2 Esse ensaio/experimento literário foi fortemente inspirado no texto *Veio o tempo em que por todos os lados as luzes desta época foram acendidas (2018)*, de Jota Mombaça, no conto *A gente combinamos de não morrer (2015)*, de Conceição Evaristo e no curta *A mulher sem cabeça (2020)*, de Sanara Rocha.

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.20853
Literatura
Data de publicação: 27 de setembro

- Que “nós” propõe um mundo implicado?
- Como as narrativas poéticas negras, periféricas e das dissidências sexuais e de gênero têm refundado nossos “nós”?

Estávamos fazendo um ebó de folhas. Alecrim, arruda, folhas de mangueira, agrião, boldo, erva doce e arnica. “A vida é ritual, minha fia, e ritual só com mandinga”, dizia nossa preta velha Dona Dandara. Algumas de nós mexia tudo numa panela grande de barro, enquanto outras batiam os pés no chão com o frenesi da batucada. Cantávamos. Não trabalhávamos sem cantar porque entoar a voz é ritual de força e de presença. Parecíamos até felizes. Olhando bem lá no horizonte, depois de um esplendoroso matagal, tínhamos a sensação – e o desejo – que o mundo que conhecíamos tivesse acabado.

Nós havíamos nos refugiado próximo a esse rio e a essa mata que nos acolheram. Fugir, para nós, sempre foi um ato de extrema bravura. Escapar à captura é pra quem não teme a morte e não a deseja. Quando somos capturadas, nós morremos aos poucos. É triste. Não é fácil nem prazeroso viver em fuga, mas a morte é pior. Raiva, medo, alegria, ódio, fúria, amor e dengo são afetos que circulam a gente tempo todo. E como vivemos sobressaltadas, impossível sentir cada um de uma vez, isoladamente. É por isso também que cantávamos, botávamos a mão na cintura ou no tambor e deixávamos o aprendizado do corpo se oferecer em linguagem de cura para que soubéssemos usar bem esses afetos. O Riso-choro já fazia parte de nós.

Eles quiseram nos tirar o axé, afeto de vitalidade que mora em nós e que só se manifesta com o poder da coletividade. E conseguiram muitas vezes. Mas o axé encontra a gente novamente, porque tudo volta pro chão. Reconexão e transbordamento. O mundo do qual viemos não nos cabia. Não havia espaço para sermos.

O quanto de nós precisa ser cortado para que caibamos nesse projeto de nação?[3].

Se ficássesmos, seríamos capturadas, mortas. Quando capturadas, Eles arrancavam nossas cabeças e vagávamos pelo mundo como produtos em série. Sem cabeça, sem direção, sem propósito. A fuga era algo inevitável. Sabíamos o que era ser capturada, porque era uma narrativa que sempre se repetia, repetia, repetia... um *looping* que me fazia ter crises de labirintinte. Sim, frequentemente tinha tonturas. Pensamos até que estaria ficando louca – outra forma de morte e captura. Mas os chás de

3 Sanara Rocha, 2020.

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.20853
Literatura
Data de publicação: 27 de setembro

Dona Dandara sempre me traziam ao eixo novamente.

Uma vez, uma de nós foi enlouquecida. Não conseguia mais dormir com os pesadelos, não conseguia mais comer sossegada por um instante. O sobressalto e o facão estavam sempre com ela. A criança dela tinha sido morta por Eles, na porta de casa. Na hora, ela preparava a janta. Não carregava nem o sobressalto, nem o facão naquele momento. De lá pra cá, depois que fugiu com a gente, esse é seu estado permanente, sobressalto e facão. Mas, um dia, ela disse que não valia a pena esse tempo por aqui e resolveu partir. Dona Dandara falou pra gente num tom de quem carrega os saberes todos dentro de si:

> *de certo modo, neste projeto de mundo da ordem que habitávamos, nós já nascemos todas mortas mesmo*[4].

Esse mundo da ordem e do progresso tem uma narrativa ficcional muito bem sucedida. Estávamos todas atoladas nele até o pescoço. "miscigenação", "democracia racial", "governo do povo", "o agro é TOP", "meritocracia", "amor à pátria", "amor romântico", "família tradicional", "cidadão de bem", "mulher de verdade"... Será que Eles acreditavam mesmo nisso tudo? Ou só a gente do lado de cá ~~sabia~~ sentia que tinha algum *bug* nessas ideia aí? É certo dizer que tudo isso deu muito certo pelas bandas de cá; mas também é certo dizer que não deu.

> *Chegou uma altura em que achei que tivesse desmaiando. Não sentia meu corpo, nem era capaz de articular minha própria posição. O mundo à minha volta parecia ter desligado e eu via tudo lento. Um silêncio profundo percorreu tudo à minha volta. Outra vez, senti a firmeza daquela mão apertando a minha. Não estava sozinha e nós estávamos aqui. Ainda. Aqui. E vivas. Corremos e corremos, mudando de direção sempre que as rotas se fechavam, e elas se fechavam a todo tempo. Era impossível fugir, mas justamente por isso nós insistíamos na fuga*[5].

Para Eles, esse mundo parecia ser muito vantajoso, porque Eles não precisavam saber o que era sobrevivência. E não tô falando das guerras que Eles mesmos armaram, onde se matam porque não sabem compartilhar comida e território: tô falando dessa guerra infinita contra nós. Mas a gente sabia bem o que significa sobreviver. A questão é que Eles achavam que só acessávamos essa gramática, a

4 Jota Mombaça, 2018.
5 Jota Mombaça, 2018.

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.20853
Literatura
Data de publicação: 27 de setembro

da sobrevivência. Tenho vontade de gargalhar quando penso nisso, porque Eles não sabem que dominamos tantas outras linguagens e gramáticas além de sobreviver. Atravessamos o Atlântico, fomos expostas a todo tipo de crueldade e violência, nos mataram aos montes, e seguimos aqui. (Sobre)Viver é um código que dominamos bem, mas é preciso mais que isso para poder vingar e continuar a dar frutos. Esse mundo dEles nos quebra, é verdade. Então, como é que faz pra quebrar esse mundo da ordem e do progresso? Nossas existências, que assume a precariedade da vida, que quer compartilhar o mundo com tudo o que há nele e que se reconhece mais no chão que com o céu, só são possíveis se esse mundo acabar. O problema é que essa narrativa de ficção só se sustentava porque sempre há quem mantenha viva a coreografia e o compasso da ordem e do progresso.

Combinamos de não morrer, mas não morrer nem sempre é viver[6],

há muita sabedoria nesta sentença, nos dizia Dona Dandara. Sim, a gente havia combinado de não morrer. Mas para muitas de nós isso já não era o suficiente. Queríamos o gozo também. Por que não?

No caldeirão borbulhando, as folhas se remexiam e soltavam um cheio bem forte. Mexia a panela enquanto olhava as crianças descalças também dançando na roda com as outras de nós e eu quase conseguia criar um sorriso no rosto. Quase esquecia tudo por alguns instantes. Nossas corpas estavam demasiadamente cansadas, mas também repletas de algo bonito. Esse algo bonito não era esperança, porque sabíamos que a esperança também fazia parte dessa narrativa de ficção, posto que nenhuma esperança sobrevive a esse mundo como ele está agora, no que se tornou. Mas esse algo bonito resplandecia em nós pelo nosso vigor. Não tinha um nome pra dar, não tava no âmbito das ideias, estava no nível do corpo. Só sentíamos. E isso, muitas vezes, foi o combustível necessário para que tenhamos conseguido, secularmente, empreender esta sobre-vida.

Estamos cansadas e estamos também furiosas. Há momentos em que desejamos tão firmemente a abolição de todas as coisas feitas através de nossa morte social que sentimos a terra estremecer à nossa volta. Então damos as mãos, e recusamos também o medo, para desejar juntas que a terra vibre o apocalipse deles desta vez[7].

6 Conceição Evaristo, 2016, p. 109.
7 Jota Mombaça, 2018.

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.20853
Literatura
Data de publicação: 27 de setembro

Uma vez ouvi de outra preta como nós que nosso movimento conjunto na terra é perturbador. E que precisamos continuar movimentando, desequilibrando os espaços brancos, criando as rachaduras necessárias para os escapes.

Às vezes, precisamos só (r)ir, gargalhar...

Talvez, por isso, que não habitamos nenhum espaço desse mundo, e sim criamos esquemas de ocupação, preparando sua destruição. Somos perigosas porque o sobressalto, o facão e a força ancestre dos encantados estão sempre conosco. Eles sabem disso, Eles não são bobos, nem inocentes. Mas nós também não!

Quando terminei de mexer as folhas, tampei a panela que mais parecia um caldeirão de feitiço, desliguei o fogo e fui lá fora também bater palma e bater os pés no chão, na roda que havia se formado ao som da cantiga de terreiro que entoávamos. Todas de branco, com nossas saias rodadas e camisu suado de trabalho, festa e devoção. Conta de Xangô e Oxalá no pescoço. Acho que era uma sexta-feira. Mas não tinha certeza. O mundo do qual escapamos, da ordem e do progresso, estava lá do outro lado. Ainda conseguíamos vê-lo no horizonte. Estávamos em fuga. Mas sabíamos aproveitar aquele momento porque celebramos nossas existências.

Encostei, abracei pela cintura e beijei minha preta na boca, sorrir com ela e com as crianças que dançavam e levantavam a poeira no chão batido. Estávamos vivas e dominávamos muitas línguas, muito além da gramática da sobrevivência. Sabíamos que quando fosse o tempo, teríamos de levantar voo, que nem as borboletas que dançavam junto com a gente naquele momento, quase fotográfico. Mas, enquanto esse tempo não vinha, a gente dançava e trabalhava e gritava com as crianças arteiras para que elas não se machucassem e fazia ebó e cantava e comia e se fazia dengo e beijava na boca e se queria bem.